

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2011

PÁGINAS DE SUETÓNIO: A MORTE DE CÉSAR

Sugerimos desta vez um texto de Suetónio sobre uma morte famosa: o assassinio de Júlio César, nos Idos de Março de 44 a.C. A morte do ditador tornou-se numa espécie de arquétipo de assassinato político e emblema da luta contra a tirania, um combate nunca acabado. Suetónio trata este acontecimento como a forma de cercear uma ascensão pessoal que se tornava ameaçadora para a República romana, porquanto dava sinais de evoluir para uma monarquia, como depois aconteceu de facto, com a instauração do principado por parte de Augusto. Como nota Gugel (1970, 5-22), a *Vida de César* está organizada de acordo com certos *Leitmotiven*, como a ambição de realza, a hipertrofia da sua pessoa, o desrespeito pelas manifestações usuais do culto romano, que confluem no relato de morte e ajudam a reforçar o efeito teatral – uma interpretação pessoal da personagem de César que, diz Gugel, só poderia ser feita por «un vero scrittore».

1. Contexto

Depois de tratar sistematicamente os vários aspectos relativos à personalidade de César (40-75), Suetónio, ao retomar a narrativa cronológica, interrompida pela introdução das rubricas descritivas (*Jul.* 44.4), anuncia a morte do ditador como acto justificado pela falta de moderação na sua conduta: *Praegrauant tamen cetera facta dictaque eius, ut et abusus dominatione et iure caesus existimetur* (*Jul.* 76.1) («Todavia assumem tal relevo outras acções e palavras dele que se considera que ele abusou da tirania e que mereceu a morte»). O biógrafo enumera então as honras exageradas, que superam o que é devido a um cidadão romano. Os exemplos apresentados referem privilégios de reis e de deuses, totalmente ao invés da mentalidade republicana; sinais de falta de *ciuilitas*, a qualidade do cidadão que respeita os seus pares como iguais. São citadas palavras arrogantes contra a República e contra os auspícios, sinal do cepticismo de César a respeito da religião tradicional (*Jul.* 77). Acrescentam-se ofensas à altiva classe senatorial, sobretudo o facto de se não ter levantado quando recebia, diante do templo de *Venus Genetrix*, os senadores que o vinham honrar, acção que lhe valeu um ódio de morte (*Jul.* 78.1). Finalmente, enumera-se um acto de

extrema arrogância (*Jul.* 79.1): ofendido porque uns tribunos prenderam um homem que coroara a sua estátua com uma faixa branca, símbolo da realeza, César exonerou-os do cargo. A justificação de César foi o facto de lhe terem arrebatado a glória da recusa. Mas corria o boato de que queria ser rei, apesar de responder a quem o aclama «Sou César, não um rei». De suspeita teatralidade é a atitude de recusar e de consagrar a Júpiter Ótimo Máximo a coroa que António fazia menção de lhe colocar na cabeça (*Jul.* 79.2). No entanto, será precisamente por césares, não por reis, que serão conhecidos os sucessores do ditador. Mais tarde, o título de César será mesmo um degrau para o de Augusto, uma espécie de adjunto do imperador (ou imperadores) supremo. Talvez por isso, Suetónio começa a sua série de biografias de imperadores, não por Augusto, mas por César.

No final da gradação apresenta-se o boato (*uaria fama*) de que César pensava mudar-se para Alexandria ou para Tróia, com as riquezas do Império, e ainda que lhe iria ser proposto, no senado, o título de *rex*, uma vez que se afirmava nos livros sibílicos que só um rei poderia vencer os Partos (*Jul.* 79.3). De facto, tal campanha estava entre os planos de César que a morte veio cercear (*Jul.* 44.2). O rumor de tal proposta é apresentado pelo biógrafo como a causa próxima da organização da conjura (*Jul.* 80.1).

Suetónio, preciso na narrativa da preparação das conjuras que tiveram sucesso, descreve as divergências sobre os executores, sobre o lugar e o momento certos. Fica marcado o atentado para os Idos de Março, data da reunião do senado, na Cúria de Pompeio (*Jul.* 80.4).

Passa então a relatar a sucessão de prodígios, que se estendem no tempo até à hora do atentado. Nos meses anteriores (*Paucos ante menses*), é descoberta no túmulo do fundador de Cápua uma tabuinha de bronze com uma inscrição que previa a morte de um descendente de Iulo e o castigo dos assassinos à custa de grandes penas para a Itália (*Jul.* 81.1). Por aqueles dias (*Proximis diebus*), os cavalos que César consagrara ao rio Rubicão¹ recusam alimento e choram copiosamente, e o arúspice Espurina previne César contra um perigo que não iria além dos idos de Março (*Jul.* 81.2). Na véspera do dia 15 (*Pridie autem easdem Idus*), várias aves perseguem até à cúria de Pompeio e despedaçam uma carriça (o nome *regaliolus*, evoca *rex*) que leva um ramo de louro no bico. Nessa noite (*Ea nocte, cui inluxit dies caedis*), César sonha que voa sobre as nuvens e aperta a mão de Júpiter; e a esposa, Calpúrnia, sonha que desaba o tecto da casa e que o marido é apunhalado no seu regaço.

¹ Esta é a única referência a estes animais.

Um pormenor vem adensar a atmosfera patética causada pelos sonhos: de súbito, as portas do quarto abrem-se espontaneamente. Tais prodígios figuram na tradição paralela (cf. Plutarco, *Caes.* 63; Díon Cássio, 44.17), mas a ordenação é de Suetónio, de modo a surtir o efeito pretendido pelo biógrafo.²

A partir daqui o relato centra-se na luta entre a sorte habitual que tenta proteger César e o *fatum* que, segundo tais presságios, se deve cumprir. Quando César está quase decidido a ficar em casa por causa de tais presságios e de uma indisposição, Décimo Bruto, homem da sua confiança, exorta-o a prosseguir. César sai por volta da hora quinta; no caminho, alguém lhe entrega um bilhete a revelar a conjura – segundo Plutarco (*Caes.* 65), foi Artemidoro de Cnidos, mestre de Letras Gregas³ –, mas o ditador junta-o a outros papéis para ler mais tarde. Depois imola diversas vítimas, sem conseguir presságios favoráveis, e entra na Cúria desprezando a *religio*. Além disso, troça do arúspice Espurina, que o havia precavido contra os idos de Março: acusa-o de ser impostor, «pois os idos de Março aí estavam sem nenhum perigo para ele». Mas o adivinho respondeu «que tinham realmente chegado, mas não tinham passado» (*Jul.* 81.4). A arrogância e o desprezo dos presságios, que já antes manifestara (*Jul.* 59), são linhas da narrativa que convergem no relato da morte. Invicto em muitas batalhas, César comete o erro elementar de descurar avisos, repetidos e convergentes e encaminha-se, sem o saber, para a morte, às mãos daqueles que considera leais.

2. Texto (*Jul.* 82)

Assidentem conspirati specie officii circumsteterunt, ilicoque Cimber Tillius, qui primas partes susceperat, quasi aliquid rogaturus propius accessit renuentique et gestu in aliud tempus differenti ab utroque umero togam adprehendit: deinde clamantem: 'ista quidem uis est!' alter e Cascae auersum uulnerat paulum infra iugulum. Caesar Cascae brachium arreptum graphio traiecit conatusque prosilire alio uulnere tardatus est; utque animaduertit undique se strictis pugionibus peti, toga caput obuoluit, simul sinistra manu sinum ad ima crura deduxit, quo honestius caderet etiam inferiore corporis parte uelata. Atque ita tribus et uiginti plagis confossus est uno modo ad primum ictum gemitu sine uoce edito, etsi tradiderunt quidam Marco Bruto irruenti dixisse: καὶ σὸ τέκνον; exanimis diffugientibus cunctis

² Vide GUGEL 1970, 10-11.

³ Mas acrescenta que, segundo alguns autores, se tratava de outra pessoa, pois Artemidoro fora impedido de se aproximar de César.

aliquamdiu iacuit, donec lecticae impositum, dependente brachio, tres seruoli domum rettulerunt. Nec in tot uulneribus, ut Antistius medicus existimabat, letale ullum repertum est, nisi quod secundo loco in pectore acceperat. Fuerat animus coniuratis corpus occisi in Tiberim trahere, bona publicare, acta rescindere, sed metu Marci Antoni consulis et magistri equitum Lepidi destiterunt.

3. Tradução

«Quando ia tomar assento, os conspiradores rodearam-no a modos que por cortesia, e, acto contínuo, Tílio Cimbro, que aceitara o papel principal, chegou-se mais perto, como que para fazer um qualquer pedido; e, como ele recusava e adiava com um gesto para outra ocasião, agarrou-lhe a toga dos ombros. De seguida, como ele gritou – “Mas que violência esta!” – um dos Cascas, por detrás, feriu-o pouco abaixo do pescoço. César, agarrando o braço de Casca, trespassou-o com o estilete e, ao tentar escapar, foi detido por outro golpe. Quando se deu conta de que era atacado de todos os lados por punhais desembainhados, cobriu a cabeça com a toga, ao mesmo tempo que fazia descer com a mão esquerda a dobra até à parte de baixo das pernas, de modo a cair com maior nobreza, com a parte inferior do corpo também tapada. E assim foi trespassado por vinte e três golpes sem proferir palavra, à excepção de um único gemido ao primeiro golpe; embora alguns tenham, de facto, dito que, quando Marco Bruto o acometeu, ele exclamou: “Também tu, meu filho?!” Perante a debandada geral, ele ali ficou tombado, exangue, durante algum tempo, até que três simples escravos, colocando-o numa liteira, com um braço de fora, o reconduziram a casa. E em tal número de feridas, segundo pensava o médico Antístio, não se encontrou uma fatal, a não ser a que tinha recebido no peito em segundo lugar. Os conjurados tinham em mente arrastar o corpo para o Tibre, confiscar os bens, abolir as suas decisões, mas desistiram por medo do cônsul Marco António e de Lépidio, mestre de cavalaria».

4. Comentário

A morte de César é descrita através de um acumular de orações e participios ligados, além das várias copulativas, por *deinde* e *simul* a sugerir a precipitação dos acontecimentos. Enquanto a iniciativa é dos conjurados, e estes são o sujeito da enunciação, as acções de César são transmitidas através de participios, em acusativo (*assidentem*) e dativo (*renuenti, differenti*). O momento em que César se apercebe do ataque corresponde à reposição do

sujeito da enunciação na pessoa do biografado; e os participios referem-se agora ao braço de Casca que ele agarra (*arreptum*), aos punhais desembainhados (*strictis*), a Bruto que avança (*irruenti*) e aos senadores que dispersam (*diffugentibus*). Morto César, a passividade do defunto é sublinhada por *exanimis iacuit*, *impositum* e *dependente brachio*; e o sujeito da enunciação muda de novo, para se centrar nos escravos que o vêm carregar na liteira e no médico que examina as feridas. Pela narrativa se verifica que o carácter “teatral” de César é mantido até ao último sopro de vida.

O primeiro agressor Tílio Cimbro era um senador romano, próximo de César, mas que o começara a odiar pelo facto de o ditador se recusar a fazer voltar do exílio o irmão dele (Cf. Plutarco, *Caes.* 66.2). O grito de César (*Ista quidam uis est?*), unicamente registado por Suetónio, sugere o momento em que ele dá conta da real situação.

O Casca de que se fala é P. Servílio Casca, tribuno da plebe em 43 a.C. Colocou-se por detrás de César e feriu-o pouco abaixo do pescoço, ou, segundo Plutarco (*Caes.* 66.2), na garganta. O Queronense acrescenta que César lhe agarrou a arma, enquanto Casca pedia ajuda ao irmão Gaio. César defende-se com a única arma que tinha (um estilete); só Suetónio menciona este incidente.

Apiano (2.117) e Plutarco (*Caes.* 66.4) dizem que resistiu como um animal selvagem e só teve o gesto de cobrir a cabeça ao ser agredido por Bruto. A preocupação de César em cair composto é consonante com o cuidado que tinha com o corpo (cf. *Jul.* 45) e é, como nota Gugel (1970, 17-18), outra linha estruturante explorada por Suetónio na cena de morte, e o gesto de compor a toga gera efeito teatral. A morte é o momento supremo da revelação do *ethos* – é natural que o biógrafo aqui faça convergir os principais traços do carácter do biografado.

A célebre exclamação ao ver Marco Bruto, *καὶ σὸ τέκνον*; («Também tu, meu filho!»), aparece como aditamento de outras fontes (*etsi tradiderunt quidam*) e vai ao encontro do gosto de Suetónio pelo romanesco. Só Suetónio *Jul.* 82.3 e Díon Cássio 44.19.5, referem estas palavras. Não se aceita, geralmente, a apóstrofe como autêntica, por se basear na lenda de que Bruto era filho de César. Bruto terá nascido por volta de 85 a.C., altura em que César teria apenas 16 anos. A relação do ditador com Servília situa-se muito mais tarde.⁴ Ora o termo *τέκνον*, primariamente de uso trágico e épico, é empregado como afectuoso desde Homero (*Il.* 9.437; *Od.* 4.611), o que não

⁴ Vide BUTLER & CARY 1927, 110 e 159-160.

acontece com *filius* latino. Muitos jovens latinos aprendem o grego como primeira língua, e só mais tarde o latim. Assim, o grego torna-se, para os jovens romanos das classes superiores, a língua da espontaneidade. Há notícia de palavras ditas em grego no decorrer da acção (cf. Plutarco, *Caes.* 66.8). Com base nestes argumentos, Dubuisson (1980, 881-890) conclui que a autenticidade da expressão é justificada; e se não é mencionada pela maior parte dos historiadores é porque não tem interesse para a história política. Autênticas ou não, estas palavras aumentam o carácter romanesco da narrativa: a prova é a fortuna que tiveram em autores posteriores, como o *Et tu, Brute* no *Júlio César* de Shakespeare, e o *Et toi aussi, mon doux ami!* em *La nouvelle Heloïse* de Rousseau.⁵

O pormenor realista do braço do defunto pendente é mais um exemplo da exploração do efeito teatral, segundo Gugel (1970, 21). Suetónio não diz que César caiu junto à base da estátua de Pompeio, como faz Plutarco (*Caes.* 66.12-13), talvez por não querer sugerir, como o biógrafo grego, que o Magno preside à vingança: para Suetónio, a culpa principal de César é a ambição da tirania.

Suetónio descreve a seguir o funeral de César e a reacção espontânea da multidão que acaba em tumulto: um inocente é executado. Mas César é uma personagem de contrastes. No final, o biógrafo introduz a suspeita de que César não queria viver mais tempo:⁶ repetia que a «sua segurança importava mais ao estado do que a si próprio». É premonitória a afirmação atribuída ao defunto de que, se algo lhe acontecesse, o estado não teria paz e cairia em guerras civis ainda mais sangrentas (*Jul.* 86.2). Conclui-se que César teve, afinal, a morte que repetidamente desejava: rejeitara o tipo de morte lenta que Xenofonte atribui a Ciro; e desejava uma morte rápida e inesperada.⁷ A *Vida* termina com a já referida morte trágica dos assassinos: alguns com o mesmo punhal com que “profanaram” César (*Jul.* 89).⁸

⁵ Vide LYONS & MONTGOMER Y, H. C. 1968, 37-39; SCANLAN 1976, 60-61; CANFORA 2000, 367;

⁶ *Jul.* 86.1. Segundo MCDERMOTT 1982-1983, 227-228, o desejo de morrer seria um rumor cultivado pelos inimigos políticos de César.

⁷ *Jul.* 87. Xenofonte, *Cyr.* 8.7. Plutarco, *Caes.* 63.7. César preferiria a versão de Heródoto, 1.214, segundo o qual Ciro morreu em combate.

⁸ Plutarco, *Caes.* 69.3, reporta a Cássio o suicídio com o mesmo punhal.

Bibliografia

- BRANDÃO, J. L. 2009, *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas vidas suetonianas*, CECH – *Classica Digitalia*.
- BUTLER, H. E. & CARY, M. 1927 (1993), *Suetonius Divus Iulius*, edited with comm., New-York, Oxf. Univ. Pr. (with new intr., bibliography and additional notes by TOWNEND, G. B., 1982, 1993).
- CANFORA, L. 2000, *Giulio Cesare. Il dittatore democratico*, Roma / Bari, Laterza (5ª ed.).
- DUBUISSON, M. 1980, “Toi aussi, mon fils!”, *Latomus* 39 881-890.
- GUGEL, J. 1970, “Caesars Tod (Sueton, *Div. Iul.* 81,4-82,3). Aspekte zur Darstellungskunst und zum Caesarbild Suetons”, *Gymnasium* 77 5-22.
- LYONS, M. & MONTGOMERY, H. C. 1968, “Friends, Romans and countrymen”, *CB* 44 37-39 e 41.
- MCDERMOTT, W. C., 1982-1983, “Caesar’s projected Dacian-Parthian expedition”, *AncSoc* 13-14 223-231.
- SCANLAN, T. M. 1976, “Suetonius’ influence on Jean-Jacques Rousseau in *La nouvelle Héloïse*”, *CB* 52 60-61.

JOSÉ LUÍS BRANDÃO